

3 + 1

Eclipse

Claire de Santa Coloma

16.11.24 – 11.01.25

Inauguração | Opening 16.11.24, 15h – 18h

Os antigos *Wunderkammer* [Gabinetes de Curiosidades], precursores das coleções dos museus modernos, ofereciam no espaço confinado de uma sala um reflexo do mundo conhecido na época, destilado nos seus elementos mais maravilhosos. A coleção de *memorabilia* estava dividida em *naturalia* e *artificialia* – por um lado, maravilhas criadas pela natureza, e por outro, criadas pelo homem: obras de arte e artesanato, o resultado de uma estreita colaboração entre mão e intelecto.

Perante as esculturas em madeira de Claire de Santa Coloma, hesita-se quanto à categoria em que as colocar. Os volumes têm formas orgânicas e biomórficas, a sua superfície é tão lisa como madeira que flutua à deriva ou pedra polida, e levamos a pensar que foram entregues pela natureza tal como são.

Estas formas e texturas são, na verdade, o resultado de um longo e hábil trabalho manual realizado sob o signo de *contrainte* [do constrangimento]: a artista não acrescenta nada ao bloco inicial de madeira – troncos não tratados que a artista encontra ou que lhe dão – mas atua por subtração. Ao retirar material, ao lixá-lo, ao acomodar as formas que o próprio bloco de madeira sugere com os seus nós, os acidentes do seu contorno, a artista aceita e exalta as suas imperfeições, que contribuem para a aparência final. A obra não existe previamente na mente da artista mas, *natura naturans*, toma forma no momento em que é esculpida pelas suas mãos. Os adjetivos são reduzidos ao mínimo, e igualmente essencial é o *modus operandi*, que permite à artista uma grande mobilidade: com as suas ferramentas, pode trabalhar em qualquer lugar, utilizando madeira local.

A esta mobilidade associa-se a “leveza” incorporada pelas esculturas, embora estas exijam um esforço físico considerável na sua execução. “Para esculpir um pedaço de madeira, não se bate só uma vez, é preciso bater pelo menos três ou quatro; é necessária muita energia”¹, disse a artista numa entrevista recente. A peça final, com a sua naturalidade, apaga esse esforço muscular. Podemos dizer que a prática de Claire de Santa Coloma manifesta o conceito de *sprezzatura*, caro ao Renascimento italiano, dissimulando esse esforço na expressão da graciosidade.

Leveza, beleza [ousada], mobilidade, bem como variações sobre o tema, são transmitidos pelas onze esculturas que compõem a constelação suspensa e móvel *Beach*, feita de madeiras nativas da Argentina. As suas formas aerodinâmicas parecem encapsular essa qualidade inatingível da sua obra, que oscila entre diferentes domínios. O aspeto ambíguo das esculturas lembra, por um lado, a forma de sementes, grãos, órgãos internos ou o corpo agitado de um peixe e, por outro, as bonecas desmembradas de Hans Bellmer, os objetos eróticos de Marcel Duchamp ou os *Disagreeable Objects* [Objetos Desagradáveis] de Alberto Giacometti, ou seja, *naturalia* e *artificialia*.

Numa outra entrevista, Claire de Santa Coloma explicou este aspeto fundamental da sua prática: “tiro a menor quantidade de matéria possível, o mínimo indispensável para que o objecto tenha o aspecto de uma escultura”². Mas qual é a aparência de uma escultura?

3 + 1

É precisamente nesta fronteira entre objeto e escultura, entre elemento natural e obra de arte, que encontramos o ponto fulcral da prática da artista. “Fazer uma escultura que se pareça com uma escultura”, disse a artista numa outra conversa, “quis fazer referência a uma forma icónica da história da escultura. Interessa-me muito esta ideia de imaginação comum, de qual é o aspeto de uma escultura. Nessa altura não estava assim tão familiarizada com o trabalho do Brancusi, mas veio-me à cabeça como forma reconhecível.”³.

Não é por acaso que a artista se refere a Constantin Brancusi, que aprendeu a esculpir em criança quando exumou do leito do rio Bistrita grandes pedras brancas alisadas pelas correntes, com as suas formas perfeitas e inalcançáveis. “A escultura não é mais do que água”, reza um seu famoso aforismo.

Podemos nos lembrar também do episódio que envolveu uma das icónicas esculturas de bronze de Brancusi da série *Bird in Space*. Sem asas ou penas, essa elevada peça fina de bronze polido não foi reconhecida como uma obra de arte pelos funcionários aduaneiros dos EUA em 1926, que impuseram taxas ao artista por importar objetos de metal manufacturados.

A obra de Claire de Santa Coloma convida à reflexão sobre o que define uma escultura enquanto tal, que não é uma definição absoluta, mas sim algo dinâmico que muda com o tempo e em função do contexto em que é apresentada.

Eclipse, o título da exposição, mais do que o fenómeno de ótica e astronomia em si, é significativo para a artista como momento de encontro entre duas entidades, aquele instante fugaz em que os dois elementos parecem tocar-se num ponto. A imagem deste instante, que se tem materializado na produção da artista em várias obras compostas por duas partes que se tocam, metaforicamente pode representar o momento de convergência destas duas dimensões – natureza e arte, matéria e obra de arte, obra de arte e objeto – e a dificuldade de apreender o momento exato em que uma deixa de ser a outra.

As esculturas expostas e o seu *display*, cuidadosamente concebido pela artista, também explora a fronteira entre obras de arte e objetos quotidianos, incluindo mobília, na sua relação com o ambiente em que se inserem e na relação mútua com o corpo humano que os utiliza. A silhueta suave e sinuosa de *Rest* parece convidar o visitante a sentar-se. Com o seu aspeto familiar, estas obras transformam a galeria de exposições numa paisagem doméstica, ao mesmo tempo que suscitam um mal-entendido sobre a possibilidade de as utilizar em vez de serem vistas apenas como esculturas. Uma sensação ao mesmo tempo de conforto e desconforto.

Com as suas esculturas, Claire de Santa Coloma pretende despertar no observador um instinto inato, um desejo “tátil”. E, de alguma forma, no momento em que são expostas, parecem ligar o corpo que as moldou ao corpo que as tocou.

Na exposição, os dois “bancos de madeira” - *Rest* e *Pebble* são apresentados no chão do piso térreo, enquanto o móbil está suspenso no teto do piso inferior: as obras convergem num ponto de contacto platónico, como que atraídas por uma espécie de magnetismo.

Os “bancos de madeira” estão em frente a *Sem título (Touch)*; *Sem título (Eclipse)*; *Sem título (One)* e *Sem título (Flower)* quatro obras sobre papel, convidando à sua contemplação.

A essencialidade é o princípio que guia a série *cut-out*, que a artista tem vindo a desenvolver desde 2010: folhas de papel sobre as quais intervém com uma lâmina japonesa, esculpindo as fibras fazendo cortes com gestos pequenos e precisos.

3 + 1

A forma simétrica dos sujeitos – uma folha, uma vagina, duas esferas – sublinha as formas côncavas e convexas que surgem no papel em função da incidência da luz nos diferentes ângulos dos cortes. A textura complexa e delicada adquire plasticidade e volume, revelando também uma abordagem escultural ao papel. À semelhança das esculturas, que são frequentemente feitas à roda da sua superfície, estas obras são também criadas a partir de múltiplos ângulos, rodando a folha, enquanto o gesto é repetido de forma contínua, numa prática física/meditativa semelhante a uma mandala.

A abordagem da artista ao material nunca é direta. Tal como na escultura, que foi guiada pela história inscrita na madeira, a artista trata o papel como uma superfície que responde, estimulando a sua reação, a sua forma de vibrar em relação à luz.

“A origem dos meus recortes está de alguma forma relacionada com a origem das minhas primeiras esculturas, onde tentava exprimir esse momento efêmero que encontramos na natureza, que não conseguimos realmente apreender” – explicou Claire de Santa Coloma – “Estava a prestar atenção às mudanças de luz e às sombras projetadas que experienciamos de uma forma inconsciente mas contínua. Estava a tentar falar sobre essa fugacidade, sobre algo que não era permanente. Os recortes exploram os movimentos subtis da luz do dia”⁴.

Num texto de 1943, intitulado *La forma nell'arte e nella natura* [A forma na arte e na natureza], Giorgio de Chirico confessou os seus pensamentos sobre a forma, que é o resultado da transformação produzida pelo movimento: “Nas grandes obras de arte, a forma é clara e irreal ao mesmo tempo. Quase se poderia dizer que a forma não pertence a este mundo, devido ao facto de se misturar com a atmosfera circundante. Esta fusão retira a dureza da forma que as coisas têm na realidade. A expressão “dura realidade” tem, sem dúvida, a sua origem na dureza das formas que nos rodeiam. Para poder exprimir a forma, como elemento que se distingue da atmosfera em que se funde (fusão que lhe confere mistério e irrealidade), foi necessário um esforço progressivo e constante de inteligência por parte dos artistas que tiveram de adquirir a mestria necessária para levar a cabo tal tarefa. A forma é a expressão da evolução universal, não só na arte mas também na natureza.”⁵

Para o artista metafísico, não há divisão entre o sujeito que pensa e age, e o objeto que é submetido à ação, mas unidade segundo uma ética natural; não há matéria sem forma e matéria formada, pois a matéria é já forma transformando-se em forma. Com a sua goiva e o seu x-ato, Claire de Santa Coloma tenta escavar a medula fluída da realidade.

Sara de Chiara, 11.2024

Tradução: S.P.

Notas:

¹ Claire de Santa Coloma em conversa com Teresa Karst no catálogo *Works*, 2023, p. 9.

² *Composição Eterna, Entrevista a Claire de Santa Coloma por Maria Beatriz Marquilha in Contemporânea*, Ed. 11/2017. Disponível online: <https://contemporanea.pt/edicoes/11-2017/entrevista-claire-de-santa-coloma>

³ Claire de Santa Coloma em conversa com Teresa Karst no catálogo *Works*, 2023, p. 11.

⁴ Claire de Santa Coloma em conversa com Teresa Karst no catálogo *Works*, 2023, p. 13.

⁵ Giorgio de Chirico, *La forma nell'arte e nella natura*, in *L'illustrazione Italiana*, 1943, p. 274; republicado e assinado “Isabella Far” in *Commedia dell'arte moderna*, 2001.

3 +1

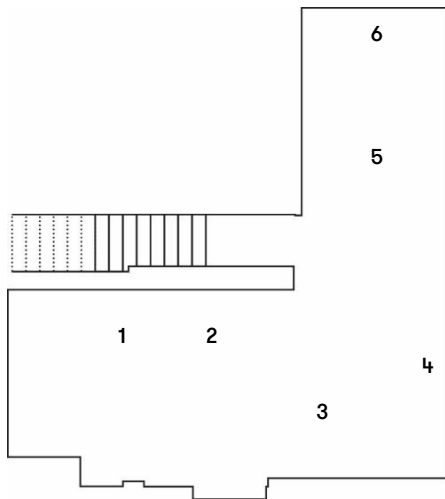
Eclipse

Claire de Santa Coloma

16.11.24 – 11.01.25

Inauguração | Opening 16.11.24, 15h – 18h

GALERIA | GALLERY 1



1. *Sem título (Touch)*, 2024
Papel recortado, 125 x 125 cm

2. *Sem título (Eclipse)*, 2024
Papel recortado, 125 x 125 cm

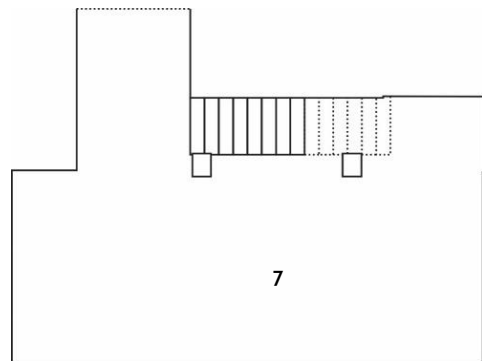
3. *Rest*, 2024
Carvalho, 54 x 93 x 56 cm

4. *Sem título (One)*, 2024
Papel recortado, 160,5 x 125 cm

5. *Pebble*, 2024
Carvalho, 43 x 86 x 52 cm

6. *Sem título (Flower)*, 2024
Papel recortado, 125 x 125 cm

GALERIA | GALLERY 2



7. *Beach*, 2024
Ñandubai, acácia, freixo, brea, dammara australis,
pó de grafite, Dimensões variáveis